

João Franco



Da greve académica ao governo à turca

1907

*Talassa! Talassa! O mar! O mar! Eis o grito de entusiasmo com que os de Xenofonte saudaram no Ponto Euxino, a redenção. Um governo! Um governo!*

(Mensagem da colónia do Brasil de apoio a João Franco)

*D. Carlos nunca contentou os partidos. Utilizava-se deles, mas desprezava-os. Entendia-se com os chefes políticos. Aos outros tratava-os como lacaios*  
(João Chagas)

*Fala-se da sua ditadura, mas os partidos, os que mais gritam, tinham-me também pedido a ditadura...Precisava de uma vontade sem fraqueza para conduzir as minhas ideias a bom caminho. Franco foi o homem que eu desejava. De há muito que o tinha em vista. No momento oportuno, chamei-o*  
(D. Carlos)

● **Ciência social e pragmatismo** – No ano em que Sebastião de Magalhães Lima inicia o seu mandato como grão-mestre da maçonaria (até 1928), o Professor José Ferreira Marnoco e Sousa (1869-1916) publica *Sciencia Social*, onde se consagra a recepção da escola de Le Play, enquanto Guilherme Alves Moreira (1861-1922) edita as *Instituições de Direito Civil Portugueses*, que marca a recepção, entre nós, do movimento da jurisprudência dos conceitos. Consolida-se o pragmatismo de William James, com a publicação de *Pragmatism*, considerado *um método mais ou menos provisório para dispensar a metafísica*. Até então, a respectiva doutrina era qualificada como *empiricism*. Enquanto isto, Manuel de Arriaga teoriza as *Harmonias Sociais*, Francisco Velhinho Correia destaca-se com *O Ensino e a Educação em Portugal* e cria-se uma organização sindicalista revolucionária, a Federação Geral do Trabalho, de inspiração francesa, onde se destaca Emílio Costa.

● **Fernando Pessoa na greve académica**. E tudo acontece no ano da greve académica, onde um dos instigadores da agitação em Lisboa é Fernando Pessoa (1888-1935), regressado de Durban em 1905, que, então, frequenta o Curso Superior de Letras, preocupado com o estudo da *decadência portuguesa* e a *descoesão*, ao mesmo tempo que critica tanto o progressismo como a ditadura de João Franco e parecendo entusiasmado com o republicanismo de Homem Christo. Ataca especialmente José Luciano de Castro *bandalho máximo da política portuguesa*, mas considera não ser possível a *reação forte, militar e indisciplinadora* por faltarem homens. *Havia bandalhos, débeis e palacianos, e, para a executar, eram essencialmente precisos caracteres essencialmente honestos, fortes e justos*, até porque não há *partidos, separados por ideologias diferentes, mas apenas grupos sem noção diferente das coisas*, advogando para o *ressurgimento* qualquer coisa *uma crise social* que é

*simplesmente um meio violento e natural para eliminar os fracos e os inúteis.* No plano da organização dos católicos, destaca-se a criação, pelos padres dominicanos da Igreja do Corpo Santo da *Cruzada do Rosário pela Salvação de Portugal*, movimento mariano que prepara os católicos para a aceitação do fenómeno de Fátima, a partir de 1917.

● **Greve académica** desencadeada em Coimbra a partir do mês de Março. Alastra a todo o país e dura até Maio. O pretexto é a reprovação de um candidato a doutoramento em direito, José Eugénio Dias Ferreira



(1882-1953), filho de José Dias Ferreira, que se declara republicano e dedica a tese a Teófilo Braga. A situação é de tal maneira grave que têm

de ser mobilizadas tropas de Aveiro e do Porto para Coimbra. O movimento estende-se ao Porto. 400 estudantes de Coimbra vêm a Lisboa entregar um protesto ao parlamento. Reúnem com os republicanos numa sessão realizada no Ateneu Comercial. Assistem nas galerias ao debate parlamentar sobre a matéria e recebem solidariedade dos estudantes da Escola Médica de Lisboa. O governo pune vários estudantes e a academia responde com greve geral, anunciando grande comício para Lisboa. Em 23 de Maio são mandadas encerrar as matrículas

● **Ópera bufa** – A greve é um *intermezzo* ou espécie de *ópera-bufa* entre duas peças, no meio da grande campanha republicana contra João Franco e a Monarquia. Bastava conhecer-lhe os motivos e os grandes "meneurs" do movimento, lançado, como sempre em tais ocasiões, por uma minoria audaciosa contra uma maioria silenciosa, para logo isto se perceber (Luís Cabral de Moncada, sobre a greve académica de 1907).

● **A Luta** – Surge o primeiro número do jornal *A Luta*, dirigido por Manuel Brito Camacho (1862-1934) (1 de Janeiro).

● **A monarquia está nas mãos de João Franco** – *A monarquia está nas mãos de João Franco e nas mãos de João Franco deve morrer. Seja qual for o partido que a recebe ainda com vida, receba-a já agonizante* (João Chagas).

● **As unhas aduncas** – O lucianista António Cabral, em 2 de Abril, numa reunião das maiorias chama aos dissidentes progressistas

*oposição de bandidos que ardia em ânsias de conquistar o poder, para cravar as unhas aduncas no Tesouro Público.*

● **Governo nº 49** (2 de Maio de 1907) **João Franco** sem ministros progressistas, em regime de ditadura. António Teixeira de Abreu (1865-1930) na justiça. Fernando Martins de Carvalho na fazenda. Luciano Afonso da Silva Monteiro nos estrangeiros.

● **O rei e os partidos** – *D. Carlos nunca contentou os partidos. Utilizava-se deles, mas desprezava-os. Entendia-se com os chefes políticos. Aos outros tratava-os como lacaios* (João Chagas).

● **Como apagar o fogo?** D. Carlos, referindo-se aos adiantamentos, salienta que *estamos diante duma fogueira que desejamos apagar, e não se apaga o fogo lançando-lhe lenha* (23 de Maio).

● **Fúria oposicionista** – Emitido o primeiro decreto ditatorial (8 de Maio). Dissolvida a Câmara dos Deputados, sem prévia consulta ao Conselho de Estado e sem marcação de data para as eleições (10 de Maio). A oposição desencadeia uma vaga de ataques a João Franco e a D. Carlos. Os dissidentes progressistas entendem-se com os republicanos e chega mesmo a instituir-se um comité revolucionário com Francisco de Correia Herédia (1852-1918), 1º visconde da Ribeira Brava desde 1871, e Alpoim, pelos dissidentes. Afonso Costa e Alexandre Braga,



pelos republicanos. D. Carlos é recebido com frieza, quando vai ao teatro em Lisboa. Começam a funcionar os chamados *gabinetes negros* da lei de imprensa (22 de Maio). Vários conselheiros de Estado escrevem a D. Carlos, considerando errado o caminho da ditadura (26 de Maio). Grande comício republicano, com a presença de vários políticos monárquicos (27 de Maio). Comissões das duas câmaras apresentam representações ao rei, sendo lidas por

Sebastião Teles, pelos pares, e Vicente Monteiro, pelos deputados. D. Carlos responde secamente, comunicando que recomendaria o caso ao governo (30 de Maio). Dissolução da Câmara Municipal de Lisboa (6 de Junho).

● **Nova lei de imprensa**, proibindo escritos, desenhos ou impressos atentatórios da ordem pública (20 de Junho). A *Gazeta da Relação de Lisboa* opina, declarando que o poder judicial não pode nem deve sancionar os diplomas da ditadura. Há sucessivas declarações de prevenção das forças militares. França Borges, refugiado em Badajoz, começa aí a publicar o *Espectro do Mundo* (26 de Junho). Um juiz de Lisboa, Abel de Matos Abreu suspende, no tribunal do comércio, dois processos de pequenas dívidas, considerando ilegítimo o decreto ditatorial que regula a matéria. O Supremo Tribunal de Justiça não lhe dá cobertura (Julho).

● **Despotismo e abatimento** – *Quase desde a morte de Sampaio que o governo político em Portugal se foi fazendo, com pequenas intermitências, cada vez mais despótico; e daí o seu abatimento e o predomínio em breve, seguidamente, da plutocracia, do militarismo e da teocracia... A obra política do actual governo foi uma obra profundamente reaccionária. Ela atacou e feriu todas as liberdades públicas. Daí, outra vez, como de 94 a 97, por falta de apoio na opinião, a submissão do poder civil ao despotismo plutocrata e militarista* (Bernardino Machado).

● **Morte de Hintze Ribeiro** quando acompanhava os funerais de Casal Ribeiro (1 de Agosto).

● **Bombas** explodem na Rua de Santo António à Estrela, quando estão a ser manipuladas pelos respectivos fabricantes. Um deles, Brito Bettencourt, até é professor no Colégio de Campolide, estando ligados à chamada *Loja dos Obreiros do Futuro*, fundada por Heliodoro Salgado (6 de Agosto). Nova explosão accidental de uma bomba em Lisboa. A casa é habitada pela amante do chefe de gabinete de José de Alpoim e o então estudante Aquilino Ribeiro terá colaborado na feitura do engenho (17 de Novembro).

● Decreto aumenta a **lista civil do monarca**. Confirma-se que os anteriores gabinetes

havam feito adiantamentos ilegais à casa real (30 de Agosto).

● **Todos querem a ditadura** – *Diário Ilustrado* transcreve, em 16 de Novembro, declarações do jornalista Joseph Galtier, publicadas em *Le Temps*, onde, depois de entrevistar D. Carlos (dia 11), refere que João Franco só permanece no poder por vontade do rei. Refere também que o presidente do conselho era detestado pela rainha-mãe e pelo príncipe real. O rei declara: *era necessário que a confusão – o “gâchis”, não há outro termo – acabasse. Aquilo não podia durar. Íamos não sei para onde. Foi então que dei a João Franco os meios de governar. Fala-se da sua ditadura, mas os partidos, os que mais gritam, tinham-me também pedido a ditadura... Precisava de uma vontade sem fraqueza para conduzir as minhas ideias a bom caminho. Franco foi o homem que eu desejava. De há muito que o tinha em vista. No momento oportuno, chamei-o.*

● **Adesões ao republicanismo** – Augusto José da Cunha, par do reino e antigo professor de D. Carlos, filia-se no Partido Republicano (16 de Novembro). Dois dias depois é a vez de Anselmo Braamcamp Freire (18 de Novembro).

● Decreto aumenta os poderes de alçada ao **Juízo de Instrução Criminal**. O Juiz Francisco Maria da Veiga, nomeado juiz de instrução criminal em 1893, tão atacado pela oposição, acabará por apresentar a demissão, sendo, depois, saudado como homem honesto, pelos que o denegriram (21 de Novembro).

● **Talassas** – Mensagem da colónia do Brasil de apoio a João Franco começa com a expressão *Talassa! Talassa!* (24 de Novembro). Estava então a ser preparada uma viagem da família real ao Brasil, organizada pelo nosso ministro Camelo Lampreia, avô de um futuro ministro brasileiro das relações exteriores.

● **Vilhena** – Júlio de Vilhena é eleito líder dos regeneradores (12 de Outubro), depois da morte de Hintze Ribeiro, em 1 de Agosto. Descontentamento de Campos Henriques e Teixeira de Sousa, face à nova liderança. O novo líder logo reclama o fim da ditadura e renuncia ao mandato que tinha no Banco de Portugal (dia 14). Encontra-se com D. Carlos em Cascais, no dia 16. Marcará para o dia 2

de Janeiro uma manifestação nacional, caso as Cortes não reabram nesse dia

●**Crispação** – Assembleias-gerais dos regeneradores e dos progressistas, onde alguns delegados chegam a aventar a hipótese da abdicação de D. Carlos (8 de Dezembro). Dissolvidas as câmaras municipais e as juntas gerais (12 de Dezembro)

●**Crime ou revolução** – *Isto termina fatalmente por um crime ou por uma revolução* (Júlio de Vilhena, em Agosto de 1907). O crime há-de acontecer com o regicídio; a revolução suceder-se-lhe-á, com a implantação da república; para que venham mais crimes e não acabem as revoluções. Para que tudo mude e tudo fique no *mais do mesmo*.

☞ Baptista, Jacinto: 54; Brandão, Raul (I): 112, 113, 207, 208, 228, 229; Gallis, Alfredo (II): 376-380, 384-393, 402, 403, 407, 414-416, 418, 421, 422, 426, 427, 444-447; Melo, Gonçalo Sampaio e (1991): Oliveira, Lopes: 231, 232, 233, 234, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 248, 249, 251; Pabón, Jesus: 75, 79; Paixão, Braga (III): 48, 52; Paixão, Braga (III, 1971): 59 ss.; Peres, Damião /Guedes, Marques (VII): 439-442; Quadros, António (*Páginas de Pensamento Político*, de Fernando Pessoa, I): 34, 35, 36, 43; Serrão, Joaquim Veríssimo (X): 132, 135, 138, 139, 143, 148, 254.